

POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 11 — TAVIRA

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira, . . . 8500

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

AVENÇA

A OBRA da Hidráulica Agrícola

A Obra da Hidráulica Agrícola O PROBLEMA da irrigação dos milhares e milhares de hectares de terrenos susceptíveis de beneficiarem de águas que os fecundem em sua produção, e o problema referente a barragens para exploração de energia hidro-eléctrica, desde há muito que, entre nós, era motivo de larga literatura, a margem, no entanto, de qualquer plano capaz de ser uma realidade, na prática.

Quando, porém, se modificaram as condições financeiras e económicas da Nação, mercê da intervenção de Salazar na política e coisas públicas do País, logo da literatura pura e simples se passou ao estudo sério, aturado e metódico do problema a que nos estamos a referir. E já hoje, felizmente, se podem apontar obras que são admiráveis realizações de hidráulica agrícola, pelas quais beneficiam grandes áreas de terrenos, até aqui pouco produtivos, uns, e nada produtivos, outros.

O que a Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola tem feito neste domínio é coisa digna de todo o aplauso e de muita admiração. Para se ter uma ideia aproximada da importância do que é já obra realizada e do muito que está em projecto, basta salientar que, para o ano corren-

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)

Festejos de Carnaval em Loulé

Na laboriosa e importante Vila de Loulé, realizam-se mais uma vez brilhantes festejos carnavalescos, cuja fama já se estende a todo o País, em benefício da sua Santa Casa da Misericórdia.

Por tal motivo, a típica vila algarvia vai, nos 3 dias de carnaval, receber a visita de milhares de forasteiros.

Dos lindos e tradicionais festejos damos a seguir o respectivo programa:

Domingo Gordo (8 de Fevereiro)

A's 14 horas: Abertura das festas com salvas de foguetes e morteiros, dando sinal da entrada do Corso Real e seu esplendoroso séquito, no recinto. Escolha, dentre as mais desarranjadas damas da Corte, da Rainha e damas de Honor, propositadamente expostas para o caso. Amor à primeira vista. Namoro descarado. Rapto escandaloso. Volta completa ao recinto, em sinal de benção aosfeis da Folia.

A seguir: Matinée no Cine-Teatro-Louletano para concurso de:

Dansa de corridinho em pares, Toque de corridinho em harmónio, Exibição de estudantinas.

Recólha de votos individuais que determinarão os vencedores.

Divulgação dos resultados e distribuição de prémios.

A's 15 e 30: Abertura da Batalha de Flores no troço assinalado da Avenida J. Costa Mealha, em dois sentidos.

Segunda-feira Gorda (dia 9)

A's 14 horas: Matinée no Cine-Teatro-Louletano para desfile de crianças vestidas em traques de elegância e fantasia.

Recólha de votos individuais.

A mais linda Batalha de Flores do País

Exibição dum pequeno programa de cinema. Divulgação dos resultados da votação e distribuição de prémios.



A's 15 e 30: Repetição da Batalha de Flores.

Terça-feira Gorda (dia 10)

A's 15 horas: Repetição da Batalha de Flores com permissão de assaltos aos carros. Divulgação dos resultados da votação dos carros, pela aparelhagem sonora.

Comissão de Honra—Major-aviador Amado da Cunha, Governador Civil do Distrito de Faro; Dr. José Correia do Nascimento, Presidente da Junta de Província; Eng. Eugénio Leite de Moraes, Director das Estradas do Distrito; Cap. Carlos Marques Loureiro, Comandante da P. S. P. do Distrito; Dr. Aires de Lemos Tavares, Presidente da Câmara Municipal; José da Costa Guerreiro, Provedor da Santa Casa da Misericórdia; Dr. Jaime Guerreiro Rua, Presidente da Comissão Municipal de Assistência.

Comissão Executiva—José Ribeiro Ramos, José de Sousa Oliveira, Eduardo Silvestre, Arquitecto Manuel Maria Laginha, Eduardo de Abreu Gama, Mário da Conceição e José Ferreira Torres.

Delegados da Santa Casa da Misericórdia—Carlos da Graça Ramos, José João Pablos e Sebastião Marques.

Organizados em:

- a) Comissão de Propaganda, Transportes e Informações.
- b) Comissão de Ornatações, vedação do recinto e Folguedos.
- c) Tránsito e Vigilância no recinto.
- d) Contabilidade e Fiscalização.

Prémios—1.º Par classificado na dansa do corridinho: Um valioso objecto de arte.

2.º Par classificado na dansa do corridinho: Um valioso objecto de arte.

1.º Tocador de corridinho em harmónio: Um valioso objecto de arte.

2.º Tocador de corridinho em

harmónio: Um valioso objecto de arte.

1.º estudantina classificada: Um valioso objecto de arte.

2.º estudantina classificada: Um valioso objecto de arte.

1.º Traje infantil de fantasia: Um engraçado brinquedo.

2.º Traje infantil de fantasia: Um engraçado brinquedo.

Todos estes prémios serão atribuídos por contagem de votos a que os bilhetes das entradas dão direito.

Preços de entrada—No recinto das Batalhas de Flores, sem direito a saída: por pessoa, com direito a um voto no carro ornamentado (no domingo e segunda-feira), 2\$00; por veículo não ornamentado, com direito a cinco votos (no domingo e segunda-feira), 80\$00; por lugar sentado, à sombra, 3\$00.

No Cine-Teatro-Louletano, sem direito a saída: Frisas, com direito a cinco votos, 17\$50; plateia e 1.º balcão, com direito a um voto, 2\$50; segundo balcão, com direito a um voto, 1\$50; geral, com direito a um voto, 1\$00.

Outras Informações:

O recinto dos festejos achar-se-á adequadamente ornamentado e será constantemente alegrado com música ligeira e anedotas.

Será vedado o direito de admisão aos carros cujo aspecto deslustre o brilho do Cortejo.

A Comissão executiva assegura:

Transportes especiais em comboios e camionetas.

Parques de estacionamento de automóveis.

Marcação de lugares sentados no recinto e nas «matinés», mediante marcação antecipada de 3 dias.

Serviço de Bar e venda de confetis no recinto.

Faz saber que só permite o uso de flores, confeti, serpentinas e saquinhos, enchidos com matérias que não possam sujar ou ferir.

PORTUGAL O País que tem mais automóveis

A campanha do trânsito, que se está a desenvolver por todo o País, se obedece a uma ordem de civismo não deixa também de ser uma consequência imediata do grande desenvolvimento automobilístico de Portugal.

Na verdade, a par da prosperidade económica e da ordem e segurança que reina por toda a parte, o País possui hoje, mercê de um bem ordenado plano, uma rede de estradas, optima em todos os aspectos.

Equacionado o problema nestes termos, fácil é compreender o actual desenvolvimento automobilístico em Portugal, uma vez atingidas as condições atinentes a tal fim. Por isso o País viu no curto espaço de anos o seu número de viaturas ultrapassado em muitos milhares e, consequentemente, uma mais imperiosa necessidade de regular o seu trânsito dentro e fora das suas principais cidades.

Para bem se ajuizar do crescente desenvolvimento atingido actualmente neste sector da vida portuguesa, bastará referir o facto de em sete meses terem entrado em Portugal cerca de 9.000 automóveis.

Mas a curva ascensional não fica por aqui, o que bem revela que o interesse dos particulares em se deslocarem cómoda e rã-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)



A Banda de Tavira Sua dissolução e remodelação

Conforme informámos no nosso último número, a Banda de Tavira não podendo manter-se com os recursos de que dispõe, só havia um caminho indicado:— a sua dissolução, pois não se podia de forma alguma manter um organismo que conta uma receita inferior à despesa e que se encontra depauperado de farda-

mentos, instrumental,—e até de artistas.

Ela tem fatalmente que acabar, a não ser que conte com o apoio dos habitantes de Tavira, daqueles que estão sempre prontos a amparar as boas iniciativas, partam elas de onde partirem. A Banda de Tavira, praticamente,

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)



Serão punidos, pelo menos com a expulsão, todos os infractores do respeito e da cortezia.

ANTERO NOBRE

O Intendente Geral dos Abastecimentos acaba de publicar uma Ordem de Serviço, em que louva o Delegado Distrital da mesma Intendência em Faro, sr. Antero Nobre, porque, «no desempenho do seu cargo, tem evidenciado espirito de iniciativa, facultades de trabalho e zelo pelo serviço, dignos do maior apreço, nunca pondo restrições à sua inquebrantável vontade de servir

e tendo ainda contribuído com o seu constante esforço para a melhoria e obtenção de um nível satisfatório dos serviços da Intendência no seu Distrito».

A Antero Nobre, nosso prezado amigo e colaborador, as nossas sinceras felicitações.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

«Discos» da Semana

GRAVADOS POR MELQUIADES

CHUVA Tanto se carpiu, aquele senhor de terras, tanto jere-miou, que os nubes se enterne-ceram e a chuva caiu em magna quantidade. Talvez um pouco mais que a requerida; faltou-lhe, porém, a coragem para apresentar reclamação...

Certo é que, na noite de segunda para terça-feira, todas as cata-ratas do céu se despenharam sobre a região de Tavira (se não dos Algarves ou da faixa continental), numa verídica ameaça de dilúvio.

E a enxurrada inevitável e perigosa apareceu pela madrugada de 27, uma hora depois da preamar, não sem que as águas galgassem as margens do rio em alguns sítios e invadissem as proximidades, pe-netrassem nas ruas, nas residências, nos estabelecimentos, promovendo sustos e prejuízos.

Por acaso não houve disparate de maior...

Na Bela-Fria, os automóveis do Centro de Instrução foram forçados a uma *retirada*, que se operou em boa ordem, já quando as águas se iam instalando apressadas na garagem.

Uma ou outra loja da zona ri-beirinha, o café Cunha, receberam a indesejável visita e tiveram os pavimentos de molho por poucas horas.

Também se ouviram gritos de pânico, aqui e acolá, mas era re-bate falso, pois a mais não foi a inundação que se esboçou e rema-tou em malogro, felizmente!

A BANDA O assunto já foi tratado no último número do «Povo Algarvio»; todavia, eu, é que me não julgo inibido de dizer de minha justiça.

Acabe-se com o confragedor es-pectáculo de exhibir periódicamen-te uma Banda agonizante!

As tradições musicais da cidade insurgem-se contra o des...con-certo oferecido aos cidadãos e às visitas, ali, no jardim público, em determinados dias.

Poupe-se a terra ao vexame de ser posta em paralelo com insul-sas aldeolas, desprovidas de ambi-ções e senso artístico.

A Câmara Municipal faz a sua obrigação, subsidiando dentro das possibilidades; cumpram o seu dever os tavirenses em condições de fazê-lo, quotizando-se e cobrindo a despesa que acarreta a existên-cia duma Banda que dignifique a Arte e prestigie a cidade.

A contribuição actual, de mes-quinha brada aos céus!

Carecem os instrumentos de re-parações; exigem reforma os uni-formes; há que fazer revisão de valores; é indispensável alijar pes-sos mortos, extirpar vícios, sanear.

Esta tarefa exige inteligência, boa vontade, compreensão e pe-cúnia.

DISFARCES... Os esposos Felismi-nos resolveram sacrifi-car o Momo neste domingo Ma-gro; e, acompanhados do amigo Horácio, dispuseram-se a adquirir máscaras apropriadas e material de arremesso, que utilizariam num baile de costumes, marcado para hoje.

Em certo armazém local de arti-gos carnavalescos, escolheu a se-

NAUFRÁGIO

Na manhã de domingo passa-do, quando pretendia entrar na barra a canoa n.º 8, da Capitania desta cidade, cuja tripulação se compõe por Joaquim Santos, mestre, José Correia, João Al-domiro Amaro, Fausto Amaro, Eusébio dos Santos e Miguel Fernandes Mendonça, todos resi-dentes no Povo das Cabanas da Conceição, foi acoçada por uma forte vaga de mar; e, devido ao péssimo estado da barra, voltou-se, pondo a sua tripulação em risco, que foi salva pela canoa n.º 51, de Cacula, da qual é mes-tre Francisco da Encarnação.

Ahora quanto lhe aprove, usando de certa parcimónia,

Seu esposo e o amigo, empenhados na escolha de caracas, discutiram e galhofaram gostosa-mente.

Decidiram-se, por fim, pelas duas cabeçoras de cartão penduradas à porta da loja: «ama de leite» (o colo rematava em seios opulentos) e «veado» (bem guarnecido...).

As formas arredondadas e o vo-lume de Horácio inculcavam-no para «ama». Menos fornido de car-ne e mais esbelto, estava Felismi-no indicado para «veado».

Quiseram, contudo, experimen-tar...

Reconheceu-se que o «veado» só em Felismino assentava, não diremos como uma luva, mas, en-fim, servia bem.

A «amá» parecia feita de enco-menda para o amigo.

E, com esfuziantes larachas, de-cidiram-se pelas divertidas cabeçoras.

A Senhora Felismino, que se distraira a examinar o conteúdo dos armários, é que não se confor-mou, quando houve conheci-mento do disfarce do marido. Re-barbativa, opôs o seu veto:

—De «veado», não vais tu, que te conheces!

Ela lá tinha as suas razões...

Coronel Leonel de Lima Vieira

Foi condecorado com o grau de Grande Oficial da Ordem Militar de Aviz o sr. Coronel Leonel de Lima Vieira.

António Cabreira

A Direcção dos «Amigos de Lisboa», — escol dos escritores olisiponenses, — convidou, em gentil e honroso ofício, António Cabreira para sócio do Grupo, em virtude de haver publica-do a consagrada obra *Maria de Fátima*, que, «por imperativos de sangue, do coração e de ci-vismo», dedicou «à Mui Nobre e Sempre Leal Cidade de Lis-boa», no VIII Centenário da sua tomada aos Moiros.

O erudito e brilhante escritor Júlio de Lemos, Secretário Per-pétuo do Instituto Histórico do Minho, representou, no Centenário da elevação de Viana do Cas-telo a cidade. António Cabreira, Fundador e Sócio de Mérito da-quela prestigiosa Academia Re-gional e antigo Suplente ao De-putado da minoria, eleito em 1894, pelo circulo plurinominal da mesma cidade.

TROVA

Neste mundo não há nada
Mais leve que o pensamento.
Só o meu é tão pesado...
De ti não foge um momento.

ISIDORO PERES

FUTEBOL

Depois da interrupção do pas-sado domingo, por motivo do en-contro Norte-Sul, continua hoje a disputa do Campeonato Nacional, em que os nossos representantes: Lusitano e Olhanense, defrontam, na 11.ª jornada, Sporting de Bra-ga e Vitória (G), respectivamente, em Olhão e em Guimarães.

A Banda de Tavira Vai Acabar!

Pego no «Povo Algarvio», seu último n.º de 25 de Janeiro, e fico assombrado com a bem triste notícia, sublinhada e destaca-da, da primeira página, que V. P. nos dá, qual S. O. S., lançado aos Tavirenses em momento de perigo iminente. E porquê esse «fogueteão», lançado aos ares, pe-dindo socorro? Pela razão de que Tavira vai ficar sem a sua Banda de Música!

Sem ser de Tavira, contudo, eu fiquei entristecido com a no-tícia. E deste meu bem distante cantinho, como amigo da causa popular da música, aqui estou a expressar o meu pesar por mais uma Banda Civil se encontrar moribunda.

Faz no próximo dia 8 de Feve-reiro, precisamente *cem* anos, que Tavira começou a sentir os efeitos educativos e recreativos da sua primeira Banda de Músi-ca—a de Caçadores 4. Os Tavi-renses, desde então até hoje, têm mantido o sagrado elo da sua continuidade, com as alternativas de militar ou civil, mas, sem que o seu extermínio completo se tenha operado.

E passadas tantas fases difíceis, em que o esplendido povo dessa cidade tão nobremente tem sabido vencer, chegará agora, nestes tempos de maior dinamis-mo, o momento em que deixe perder todas as noções do espírito e do recreio?

Terá o povo Tavirense a res-ignação para deixar de ouvir, no Verão, no seu esplendido jar-dim, os habituais concertos da Banda de Música, já tão enrai-zados na alma popular? Eu não creio!!!

E' bem certo que, neste sema-nário, com a aquiescência do seu proprietário e editor, já por mais de uma vez lancei, da minha humil-de tribuna, também umas pa-lavras de preocupação pela vida da «Academia», dada a voragem que tem designado tantas colecti-vidades musicais por todo o Portugal.

Porem, acreditando na acriso-lada dedicação e bairrismo mu-sical tavirenses, neste semanário de 20 de Outubro de 1946, eu disse—«mas, se muita acuidade

musical tem morrido ou desapa-recido no fragor dos tempos mo-dernos, Tavira teve e tem, como honrosa divisa, como baluarte das suas instruções, a *Banda Municipal*, actualmente denomi-nada Banda da *Academia Mu-sical Tavirense*! Possuía a con-vicção de que não era fácil desa-parecer uma bem sentida tradi-ção...

Mas uma ocasião faço uma vi-sita ao «coração» da música, e dela trouxe desagradáveis im-pressões.

E neste jornal, de 27 de Julho do ano findo, além do mais, eu disse: «O aspecto é de comple-to abandono material. De modo que os componentes, que ainda fazem vibrar a sensibilidade da Arte, para ali estão abandonados à sua própria acção, com as es-tantes velhas a dizerem já do seu cansaço, num ambiente pouco acolhedor. Dê-se vida nova a quem de vida pura e rejuvenes-cida carece...» e, —«Registam-se, nas cenas musicais Tavirenses, pormenores dignos de elogio, por representarem cultura e civiliza-ção. Mas o que não está certo é a falta de ambiente associativo ao fulcro musical de Tavira—a sua Banda».

E pelo que V. P., agora, com tanto realce nos diz, eu constato que as minhas palavras de então já não foram ouvidas; e, assim, a «Academia» caminha irreme-diavelmente para a morte.

Oxalá todos que vivem portas adentro dessa histórica cidade saibam corresponder ao apelo agora feito. É que o Comércio local, a Indústria e o Público, duma maneira geral, reaja, em face do acontecimento», são de certo os desejos de quem pela música tem paixão, a sente e preci-sa dela para uma melhor forma-ção educativa, a par da sua in-dispensável utilidade em nos fa-lar a linguagem da Divindade e fazer vibrar de emoção em todos os cambiantes festivos ou religio-sos de que carecemos, consoante seja—no recreio ou na espiri-tualidade.

Barreiro, 27 de Janeiro de 1948

Pedro de Freitas

O ALGARVE

(Apontamentos para a sua história)

PIRATARIA

A'S ESPOLIACÕES dos mouros, infestando como piratas as cos-tas da Galiza, é que vêem referências em autores cristãos, que mencionam também como corsários moiros de Silves e de Lisboa. Todavia, entre os comerciantes das terras do Algarve, que afluam ao mercado de Montpellier juntamente com os dos outros países, tanto muçulmanos como cristãos, segundo refere Benjamim de Tu-dela, que visitou aquele mercado em 1166-1167—, estão compreendidos também os muçulmanos de Silves.

Embora se diga, aqui, os *mouros de Silves*, deve entender-se por mouros de todo o Algarve, que para os actos de comércio e de pirataria de que fala a referência anterior, não encontravam em to-do o Algarve melhor porto do que aquele que servia á população de Sagres, a mesma em que cento e setenta anos depois da conquista do Barlavento daquela provincia, o Infante de Sagres veio a fundar a sua terçanabal, isto é, terçanaval, arsenal de marinha, como di-riam hoje, sobre o assento da que ali estivera no tempo dos moiros.

O progresso da arte de navegar e da ciência da guerra marítima era ainda então mui diverso entre os habitantes das provincias cris-tãs do occidente da Península e os sarracenos-espanhoís e africanos. Aqueles apenas construíam pequenas embarcações, destinadas ao co-mércio e á navegação costeira, nas quais não ousavam aventurar-se ao largo; estes possuíam navios armados, com que se engolfavam um pouco mais no oceano, posto que não para largas viagens, e com que tentavam expedições militares. Saindo de Almeria, Sevilha, Al-garve, Lisboa, e outros portos, corriam as costas de Portugal, Gali-za e Asturias, e, assaltando subitamente os lugares proximos das praias, roubavam e incendiavam as aldeias, as igrejas, e, até, os pa-ços fortificados, e matavam ou cativavam os que podiam colher ás mãos, destruindo os gados e plantios; emfim, espalhavam tal terror entre as gentes dos campos, que os habitantes das visinhanças do mar, durante a força do estio, abandonavam os seus lares ou escon-diam-se em cavernas, onde pudessem ao menos salvar a vida dos repetidos assaltos dos sarracenos.

Por esta época tinha crescido a tal ponto a audácia dos inimigos que se tornava indispensavel ocorrer a tamanha ruína. O activo Bis-po de Compostela, mandando vir de Genova, onde então florescia a ciência naval, obreiros habeis, ordenou que se construissem duas ga-lés, que, dirigidas por pilotos genoveses e guarnecidas com soldados e marinhagem de Padron, saíram para as costas do Gharb. Os es-tragos que ali fizeram desagravaram, até certo ponto, os cristãos do que antes haviam padecido. Com esta expedição, em que foram des-truidos muitos dos navios sarracenos, Portugal ganhou em ficarem os seus portos mais livres para o pequeno comércio costeiro que en-tão se fazia, e a Galiza convertida em alvo principal da vigança dos moiros, que contra ella especialmente dirigiram nos anos seguintes as suas tentativas.

(Continua)

Damião de Vasconcellos

PELA CIDADE

Sociedade Orfeónica — Corpos Gerentes, eleitos para o ano de 1948:

Assembleia Geral — Presiden-te, Dr. Eduardo dos Reis Vie-gas Mansinho; Vice-Presidente, Paulo Gonçalves Raimundo; 1.º Secretário, Marques da Concei-ção Viegas; 2.º Secretário, Joa-quim Santana Faleiro.

Direcção — Presidente, José Emídio Fernandes Sotero; Vice-Presidente, José Bernardo de Mendonça Junior; 1.º Secretário, Emílio do Nascimento Palmeira; 2.º Secretário, José Maria do Carmo Costa; Tesoureiro, Renato Júlio Peres.

Substitutos — José Jerónimo Correia, Sebastião Baptista Lei-ria e Alexandre Luciano Par-reira.

Conselho Fiscal — Presidente, Júlio Cesar Galhardo; Secretário, Manuel Joaquim Domingues Bar-queira; Relator, José Inácio Dias.

Farmácia de Serviço — Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Aboim.

Teatro António Pinheiro — Espec-táculos da Semana—Hoje o *Bar-beiro de Sevilha*. Um filme lu-xuoso, inspirado na célebre Ope-ra de Rossini. Figaro, Barbeiro de Sevilha, protegendo as a-venturas do elegante Conde de Al-maviva e seus amores com Ro-sina, a linda pupila de D. Barto-lo. Com Miguel Ligerio, Estrelli-ta Castro, Roberto Rey, Raquel Rodrigo, Fernando Granada e Tina Gasco.

Dia 3—Terça-feira—*Voltemos á Carga*. O filme que nos dá em imagens perfeitas, intensas e lan-çantes, idea do que foi o jugo brutal e feroz dos Japoneses. Com John Wayne, Anthony Dinn, Beulah Bondi e Fely Franquelli.

Dia 5—Quinta-feira—*Abismos Humanos*. Um dos maiores êx-itos de Broadway, que Arko Rá-dio transformou em um dos maio-res êxitos da tela. Todas as ga-mas da emoção humana num

palpitante drama social. Com Burgeess Mederith e Margo.

Dia 7—Sabado—*O Filho de Robin o dos Bosques*. Em Tecni-color. Um filme de extraordinário dinamismo, em nada inferior ao apreciadissimo Robin dos Bosques nas, que mesmo o su-pera em vários episódios duma emoção incomparavel. Trabalho incomparavel de Cornel Wilde, com Jill Esmond, George Ma-cready, Eva Moore, etc..

—Revivendo uma velha tradição, o Teatro António Pinheiro rece-berá máscaras durante os três dias de Carnaval.

Os referidos espectáculos car-navalescos serão acompanhados de passagem de hilariantes filmes.

Santa Casa da Misericórdia de Tavira — Serviços Clínicos para o mês de Fevereiro.

Enfermarias — Ex.ºs Srs. Drs. Ramos Passos e Bandeira Pes-sanha.

Consulta Externa
De 1 a 15—Ex.º Sr. Dr. Ra-mos Passos—das 16 às 17 horas.
De 16 a 29—Ex.º Sr. Dr. Bandeira Pessanha—das 16 às 17 horas.

Oftalmologia — Consultas em 8—Ex.º Sr. Dr. May Viana.

Cirurgia — Consultas em 14 e 28—Ex.ºs Srs. Drs. Fausto Can-sado e Renato Graça.

—Inscreveram-se mais como pro-ectores do Hospital a Ex.ª Sr.ª D. Cesaltina da Purificação Bri-to Avó, o Ex.º Sr. Eduardo Rafael Pinto Júnior e a Firma J. A. Pacheco, todos com 20000.

—Pelo Dispensário Regional de Higiene e Profilaxia Mental do Algarve, vai ser criada no Hos-pital desta cidade uma consulta externa semanal.

COMMISSIONISTA

Precisa-se que dê abonações para venda de artigos a presta-ções. Carta á Sacogil, Ld.—Tavira.

Tenho pena!... A VIDA DOS REFUGIADOS... ...E Portugal deu-lhes abrigo...

—Lembras-te como eram os teus olhos Quando eu os conheci? Que milagre profundo... Dois sois no Mundo! Eram de negro e húmido veludo, E ensinavam-me tudo, Aquilo que, depois, te disse, a ti.

—Lembras-te como era a tua bôca Quando eu a conheci? Oh! que romagem louca Para chegar ai! Era vermelho e húmido veludo E ensinou-me tudo, Aquilo que, depois, te disse, a ti.

—E o colo que par'cia dum cisne, Desafiando a tempestade, os beijos? E os seios, essesinhos pequeninos, Sementes de desejos? O Tempo, que não larga a sua presa, Correu. Correu veloz. Conseguiu apagar tanta beleza, Como nunca mais vi. Tenho pena de ti! Tenho pena de nós!

IESSE

A BANDA DE TAVIRA (CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

a partir do dia 31 de Janeiro, encontra-se dissolvida, por falta de verba.

Ora tal notícia, desde o nosso último número, produziu certo pânico, não só em Tavira, como lá fóra, pois várias pessoas, das muitas que se interessam pelos problemas locais, têm-se-nos dirigido, manifestando o seu desagrado pelo desaparecimento da Banda, uma tradição artística da cidade, que se mantém há mais de um século.

Em face da situação criada, entedemos dever procurar o sr. Presidente da Câmara Municipal, não só por sabermos que ele está sempre pronto a contribuir com o seu esforço para não deixar desaparecer as actividades locais, como por representar a entidade que, sendo o maior contribuinte para a manutenção da Banda, lhe caberia, sem dúvida, por direito próprio, dar o seu parecer sobre a sua dissolução.

Exposto o assunto com toda a clareza, após Sua Ex.ª nos ter manifestado o seu desgosto por se deixar morrer um organismo artístico e recreativo de tão belas tradições, é com o maior prazer que ouvimos a sua comunicação de que estaria disposto a aceder ao nosso pedido para fazer parte de uma Comissão reorganizadora da Banda, certo de que encontraria apoio absoluto em todos os habitantes de Tavira e que todos lhe prestariam o seu auxílio para poder obter os fundos necessários.

Trocadas ligeiras impressões, resolveu-se finalmente ficar a Comissão constituída pelos srs. Capitão Jorge Coelho Ribeiro, illustre Presidente da Câmara Municipal, João Aldomiro de Sousa, um sócio fundador da Academia Musical Tavirense, pessoa que vê com muito agrado a manutenção daquele núcleo artístico, e o nosso camarada de Redacção, Manuel Virgínio Pires.

Lançamos, portanto, o apelo a todos os habitantes do concelho, presentes ou ausentes, senhoras ou cavalheiros, que queiram contribuir para a Banda de Música. Todas as pessoas, que ainda não sejam associadas e queiram contribuir mensalmente com qualquer importância para este fim, encontrarão listas de inscrição nos seguintes estabelecimentos: «Café Arcada», «Jota Bar», «Café Avenida», «Farmácia Sousa», «J. Carmo Lda.», e «Joaquim dos Santos».

Poderão também, caso queiram, fazer a sua inscrição na Redacção do nosso jornal.

A referida inscrição permanecerá aberta, desde o dia 1 ao dia 8 do corrente, patá, assim, se poder avaliar se é possível ou não atingir-se o fim alvejado.

Chega, portanto, o momento de se pôr à prova o bairrismo tavirense.

O desânimo no presente caso será uma palavra vã; e, no próximo Verão, no nosso Jardim Público, a Banda de Tavira voltará às suas noites de glória, com o apoio moral e material do povo da nossa terra.

V. P.

Allô! Tiraram-me o passaporte...

Algumas cenas da vida aleatória dos refugiados em Portugal.

A NOITE caíra sobre a cidade. As ruas da Baixa começaram a movimentar-se com os que vinham para os cinemas e para os teatros. Por toda a parte as luzes começavam a acender-se, pondo cintilações no negrume da noite.

Cansado de esperar o regresso de Giovana, que não aparecia, esgotados todos, ou quase todos os meios para a encontrar, resolvi entregar-me á passividade e aguardar os acontecimentos.

Espera-la-ei até que o Destino ma restituia—disse de mim para comigo. Fatigado de calcorriar, entrei no «Portugal» e mandei vir um café. Puxei dum cigarro e fumei. Outros se lhe seguiram para matar o tédio que me assediava, para preencher o vácuo que constituía a ausência da minha colega, na minha vida.

Subitamente, cerca das vinte e duas horas, a voz ciosa da telefonista do café fez-se ouvir através do alto-falante. «Chama-se ao telefone o senhor...». Era por mim que chamavam. Num pulo estava junto do aparelho. Lá do outro lado do fio, uma voz meio sumida, meio chorosa implorava:

«E' você? Venha depressa a minha casa. Tiraram-me o passaporte.»

Paguei a despesa, á pressa saltei para um taxi e gritei ao motorista que me levasse rapidamente a casa de Giovana. E indiquei-lhe o endereço.

O carro corria veloz pelas avenidas, as luzes desfilavam através dos vidros das portinholas como num sonho. No meu íntimo, eu dificilmente acreditava que Giovana tivesse aparecido. Durante alguns momentos supus-me o joque de uma mistificação.

Quando bati á porta da jornalista, foi a dona da casa quem veio abrir. Num ciciar como se temesse incomodar Giovana, disse-me:—

—Finalmente, a sua amiga appareceu. E ao mesmo tempo que se persignava, dizia-me:

Credo, mas se o senhor a visse, está tão transtornadal...

Quando entrei no quarto da jovem romena, esta encontrava-se estendida sobre o leito, envergando o seu pijama. A luz mortuária do candeeiro da cabeceira, incidindo sobre o seu rosto fatigado, dava-lhe um aspecto cadavérico.

Ao ver-me, os seus olhos encheram-se de alegria e brilharam de novo, com aquele brilho que lhe era peculiar, e que eu tantas vezes admirara, quando passeava ou conversava com ela no café.

A jornalista soerguera-se na cama, teve uma convulsão, seguida dum ataque de choro.

Entre soluços, contou-me a história da sua odisseia.

—Se soubesse o que me aconteceu?

E ao pronunciar isto, passava a mão pelos olhos, como que para afastar um pesadelo terrível, imenso que assediava.

Subitamente, ocorreu-me ao espirito a imagem da recém chegada da esplanada da Avenida... — a estrangeira? — perguntei eu meio ansioso.

—Exactamente, meu amigo—retorquiu Giovana. «Se soubesse... Naquella tarde da vespera da partida, levou-me a passear de automovel por caminhos que eu desconheço, sob o pretexto de mostrar-me panoramas maravilhosos dos arredores de Lisboa.

Certa altura, porém, num sitio ermo, parou o carro e, puxando de uma «browning», exigiu-me o passaporte. Recusei. Perante a minha recusa, apontou a pistola á mala e, como aviso, varou-a com uma bala. Tive medo, confesso, e atirei-lhe a mala para o chão, dizendo-lhe:

—«Está ali, o meu passaporte. Leve-o!»

Sem deixar de me visar com a «browning» baixou-se, abriu o fecho e rebuscou a maleta. Tirou o passaporte e, depois, com voz imperativa, gritou-me:

—Apanhe a mala e suba para o auto.

Receosa, obedeci. Era já noite, quando chegámos a Lisboa. Pensei em saltar do carro em andamento, de fugir das garras daquela mulher maldita que me privava do único meio de ir agora ganhar a vida além Atlântico. Mas o carro seguia com tanta velocidade, que tive medo, que receei de estatelar-me no chão. Ao chegarmos ao Campo 28 de Maio, a Providência, na figura de um carro, que vinha em sentido contrário, appareceu.

Foi então que a estrangeira se viu obrigada a afrouxar o auto. Saltei para fóra, mas fi-lo tão desastrosamente que me estateei no solo. Perdi os sentidos e, quando voltei a mim, estava aqui sobre o leito.

Como o resto se passou, não posso saber. Há bocado, foi com bastante dificuldade que desci ao primeiro andar a telefonar-lhe, meu bom amigo. São tão gentis os portugueses!...

E, dizendo isto, Giovana olhava-me com enternecimento. Depois, prossequindo, acrescentou:—calcule, que foi a própria dona da casa quem foi pedir á locatária lá de baixo, para me deixar telefonar-lhe! Gastei uma quantidade de chamadas; e, quando quis pagar-lhas, recusou. Chamei por si para todos os «café».

Foi um português quem me levantou do chão; foi uma estrangeira quem, em Portugal, me fez tanto mal—que me cortou as pernas—como vocês costumam dizer, tirando-me o meu passaporte, o meu ganha-pão—a América, esse belo país, terra da Promissão!...

Na verdade, os portugueses são bastante gentis, pelo menos para connosco, pobres destroços, arrancados pelos horrores da guerra e arrojados a esta praia maravilhosa que é Portugal, cheio de sol e de gente hospitaleira.

Estava verdadeiramente comovido, tanto por ter voltado a encontrar Giovana, como pelos elogios sinceros que aquella estrangeira tecia á nossa terra.

—Meu amigo—tornara a romena—estou perdida, irremediavelmente perdida. Como hei-de eu agora recuperar o meu passaporte? Livre-me, por amor de Deus desta situação embaraçosa!... E, dizendo isto, a voz sumia-se-lhe, embargava-se-lhe.

Calmamente, aconselhei-a a que aguardasse os acontecimentos. Talvez que a Providência mais uma vez viesse em seu auxílio. Quem sabe?!...

Entretanto, fariamos deligências junto da Polícia.

Mas Giovana, que atravessara a Europa em chamus, correndo como os demais diante do invasor, fraquejava agora, ali, naquele leito, perdia a coragem ante a perda de um simples papel.

—Mas não compreende, ou não quer compreender que esse papel era tudo para mim; era o trabalho, o conforto ganho com o suor do meu rosto, a fuga a este marasmo, a esta vida ociosa feita de cavaqueira no «café» e de lições mal pagas, vivendo precariamente da esmola dos alunos e da benevolência dos amigos!...

E, dizendo isto, apertava a sua cabecinha, que a cabeleira revoltada emoldurava, gaiatamente, entre as mãos.

Estivemos nesta batalha até tarde. Era já mais de meia noite quando me despedi de Giovana, prometendo-lhe encontrarmos-nos no dia seguinte, á tarde, no «café», para tomarmos uma decisão. Entretanto, voltei a aconselhar-lhe calma. E que dor-

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—Sr. José Inácio Conceição e o menino Delmar dos Santos Matias.

Em 2—D. Etelvina Caleça Ribeiro e sr. Engenheiro Rui Palermo Ferreira.

Em 3—D. Maria Virgínia Viegas Cavaco Reis, menina Maria Hortense Brás Pires e srs. António Rodrigues Santos e Francisco dos Santos Lourenço.

Em 4—Srs. Carlos Rodrigues Mil-Homens e João Baptista Pereira.

Em 5—D. Maria João Ferreira de Almeida.

Em 6—D. Maria Adelaide Tavares de Sousa Coelho, D. Ermelinda Bernardo Raimundo e sr. Joaquim Lopes Padinha.

Em 7—D. Maria da Graça Pacheco Neto Mil-Homens, D. Maria Adelaide Ondas Pires Cruz, D. Maria José da Palma Brito Baptista e sr. António de Sousa Marques.

Em 8—Sr. Padre João Martiniano Correia Matos.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa, esteve nesta cidade o sr. Tenente Coronel Leonel da Costa Lopes, residente em Lisboa.

—A fim de assistirem ao funeral de sua tia, estiveram nesta cidade os nossos conterrâneos srs. Dr. João Chaves Guimarães e Tenente Joviano Chaves Ramos.

—Com sua esposa, esteve nesta cidade o sr. Dr. Augusto Carlos Palma, capitão médico, nosso prezado assinante, residente em Lagos.

—Com sua esposa, regressou da Capital o sr. Mateus Teixeira de Azevedo, proprietário, residente nesta cidade.

Nascimento

No dia 24 de Janeiro, teve o seu bom sucesso, em Santa Catarina, dando á luz uma criança de sexo feminino, a sr.ª D. Maria Helena Reis Picoito, esposa do sr. Silvestre Joviano Pereira Picoito, correspondente do nosso jornal naquela localidade.

Baptismos

No dia 25 de Janeiro findo realizou-se na Conservatória do Registo Civil, desta cidade, o baptismo de uma filha da sr.ª D. Maria Luísa de Oliveira Trigos Mendes e do sr. João Rodrigues Torres Mendes, informador fiscal, em Lagoa, e nosso conterrâneo.

A criança, que recebeu o nome de Maria Rita Trigos Torres, foi apadrinhada pela avó paterna, sr.ª D. Rita Rodrigues Mendes, e pelo tio paterno, sr. Saul Rodrigues Mendes.

Também no dia 25 de Janeiro se celebrou o baptismo de um filhinho do nosso conterrâneo sr. João José Ponce Castro Centeno, empregado bancário, residente em Portimão, e de sua esposa sr.ª D. Maria Adelaide Ondas Cruz Centeno, e neto paterno do sr. José Rodrigues Centeno e da sr.ª D. Maria do Rosário Ponce Sanchez de Castro Centeno; e, materno do sr. Joaquim Pires Cruz e da sr.ª D. Adelaide Ondas Pires Cruz.

O neófito, que recebeu o nome de Duarte José Cruz de Castro Centeno, foi apadrinhado pelos tios, sr.ª D. Maria da Conceição Pires Cruz e Lança, esposa do sr. Dr. Arnaldo dos Santos Lança, Juiz de Direito na comarca de Ourique, representada por sua irmã, sr.ª D. Maria Celeste Pires Cruz Santos, e pelo sr. José António dos Santos, empregado de escritório.

Casamento

Na Paroquial Igreja de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa, realizou-se no passado dia 25 do corrente o casamento da sr.ª D. Maria Helena da Silva Modesto, filha do sr. Francisco Sebastião Modesto, industrial, nesta cidade, e da sr.ª D. Maria Luísa da Silva Modesto, com o sr. Rui de Quadros de Avillez de Basto, filho do sr. Armando de Avillez de Basto, já falecido, e da sr.ª D. Branca de Avillez Cabral de Quadros.

Foram padrinhos da noiva o sr. Engenheiro-Agrônomo Manuel Sieuve Afonso e a sr.ª D. Maria Vitória da Silva Lopes; e do noivo, sua mãe e seu tio, sr. António Luís de Avillez Cabral de Quadros.

Presidiu á cerimónia o coadjutor da freguesia, Rev. Padre Alfredo Alberto Gomes.

Finda a cerimónia, foi servido, em casa dos tios da noiva, sr.ª D. Maria dos Santos Vidal Lopes e sr. Capitão Manuel Francisco Vidal Lopes, um delicado copo d'água aos noivos e numerosos convidados.

Aos noivos, que partiram no dia imediato a bordo do paquete «Pátria», para Africa, aonde vão fixar residência, desejamos muitas felicidades.

Neurolegia

No dia 20 de Janeiro findo, faleceu em Lisboa, donde era natural, o sr. Henrique Gonçalves Raimundo, de 50 anos de idade, empregado no comércio.

O extinto era filho da sr.ª D. Mariana Rosa Gonçalves Raimundo e do sr. Francisco Raimundo, nosso conterrâneo, já falecido, e irmão do sr. Paulo Gonçalves Raimundo, informador fiscal, neste concelho.

A família enlutada endereçamos sentidas condolências.

misse tranquila para se refazer da emoção sofrida.

A SEGUIR:
NO RASTO DE MARTA ARGECHIANU
Anibal Anjos

Dos Livros...

Continuando no seu meritório labor editorial, a Livraria Românica Torres, apresenta agora, na sua simpática e artística «Colecção Azul», o romance «Depois do Perdão», da autoria de João Amaral Júnior, escritor a quem se devem algumas dezenas de livros muito apreciados pelo público leitor e unanimemente elogiados pela critica.

O novo romance foca um problema que não é inédito e tem sido muito utilizado por diversos escritores — o da felicidade da mulher —; todavia João Amaral Júnior trata-o com mestria e dá-nos um encadeamento dos factos que nos prende desde a primeira á última página.

«Depois do Perdão» torna-se, pois, pela razão indicada e por outras, digno da leitura de todas as senhoras e de figurar nas estantes dos amigos da boa literatura contemporânea portuguesa.

Promoção

Foi promovido á 2.ª classe, o nosso assinante sr. Engenheiro Agrônomo Bento dos Santos Nascimento, em serviço no Posto Agrário de Sotavento do Algarve.

RÁDIO

Consertos em todos receptores de T. S. F.
Executa técnico de subida competência.
Nesta Redacção se informa.

PORTUGAL

O País que tem mais automóveis

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

pidamente a todos os pontos do País: Lisboa assiste hoje a uma média de 80 exames diários de candidatos a condutores de automóveis. Recordemo-nos agora de quando antigamente tais exames se realizavam apenas ás quartas-feiras e nunca ultrapassaram três ou quatro, e tenha-se em atenção os que diariamente se efectuam em Coimbra, Porto, e nas restantes capitais de distrito—e teremos uma visão de conjunto do que se passa hoje, neste particular, na vida portuguesa, e da necessidade de regularizar mais rigorosamente o trânsito intenso que se nota não só na capital como por todas as cuidadas estradas do País.

Por esta razão, não passando o facto despercebido aos olhos dos estrangeiros, o Dr. Browne, bispo irlandês de Galway, pode afirmar no «The Standard» que «Portugal era o país que mais automóveis possuía».

«Jornal de Lagos»

Completo 21 anos de existência este nosso colega, dirigido proficentemente pelo sr. Jacques de Oliveira Neves.

Endereçamos-lhe muitas felicitações com os melhores votos de longa vida.

Máquinas de Escrever

Todas as espécies de reparações efectuam-se com a máxima brevidade por técnico competente

Nesta Redacção se informa

Citroen

Vende-se de 11 cavalos, com 4 mil quilómetros. Dirigir a Manuel Costa Júnior, Largo Dr. Oliveira Salazar—Loulé.

A Obra da Hidráulica Agrícola

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

te, se destinam 82.725 contos a despesas a fazer com obras de irrigação e barragens fluviais.

A Junta organizou em 1935 dezasseis projectos, referentes a uma área de terrenos de 83.117 hectares, devendo orçar as despesas do plano estabelecido à roda de 580.000 contos. Aprovados imediatamente sete destes projectos, logo se iniciaram as obras respectivas. Os restantes foram também aprovados oportunamente, e em tempo devido se iniciaram os competentes trabalhos.

E', no entanto, em 1937, com directa intervenção do sr. Presidente do Conselho, que os empreendimentos de hidráulica agrícola tomam maior vulto e entram com mais rapidez e segurança no caminho das coisas práticas. O plano delineado abrangia 166.000 hectares de terrenos a beneficiar pela irrigação, o que equivale a 26,5 por cento das terras capazes da melhoria das regas.

O outro aspecto do problema não é menos importante. Queremos referir-nos à energia hidro-eléctrica. As obras em projecto, uma vez realizadas, produzirão uma energia de 308,8 milhões de quilowatts de electricidade. Para compreendermos melhor o alcance da realização de tal plano, convém ter presente que o seu custo anda à roda de 1.118.381 contos.

Se o tempo e o espaço nos dessem margem para isso, daríamos aqui mais alguns pormenores sobre estes projectos, de cuja realização está incumbida, como tinha de ser e é natural, a Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola. O que acabamos de apontar e de dizer, todavia, já nos habilita a fazer um juízo aproximado da empresa, que, no género, é coisa sem precedentes em Portugal.

Escusado será dizer que são de grande monta os benefícios de ordem económica, e até de ordem social, que destas obras resultarão para o País. Multiplicar-se-á a produção agrícola, desenvolver-se-á a pecuária e produzir-se-á energia eléctrica em quantidade suficiente para imprimir à nossa indústria e outras

actividades nacionais um ritmo de progresso que nos porá ao nível dos países mais progressivos da Europa.

Com as obras de hidráulica agrícola, pois, novas perspectivas e rasgados horizontes se abrem na frente da vida da Nação. Importa reconhecê-lo, a fim de que saibamos julgar com justiça uma política e um Governo que têm em mira apenas o bem comum, fora e acima de correntes de opinião. Saibamos aplaudir e admirar, como bons portugueses, este esforço do Governo Português.

Paulo de Sena

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da República, 120-122

FARO

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório do solicitador Carmo Peres

CASA

Vende-se um prédio situado na Rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 78 a 86, em Tavira.

Dirigir propostas, por avião, a Victorino do Carmo Alegre—Patagones, 963—Buenos Aires—Argentina.

CRIADA

Precisa-se para servir em Lisboa, na linha de Cascais.

Dão-se informações na Redacção deste jornal.

AUTOMOVEL

Marca Chevrolet, do ano de 1928, de 13 H. P., em bom estado de funcionamento, vende-se.

Tratar com Manuel dos Santos Prado—Tavira.

Uma obra notável

O Cavaleiro, o Monge e o Outro

Pecariamos por demasiado optimismo se tivéssemos a produção literária portuguesa dos nossos dias como representativa da nossa alta cultura e do espirito nacional.

E' certo que existem escritores que seriam de primeiro plano em qualquer grande país do mundo e que muitas das suas obras são dignas de celebridade universal; mas é certo também que só quando esses raros descem à lide das letras é que o meio literário se anima e o público leitor se sente satisfeito na sua ansia de belas coisas, de alimento sadio do espirito e da alma. Esse fenómeno dá-se agora com a aparição do novo livro de Mário Domingues, o escritor de pulso e recursos invulgares, o autor de *Anastácio José, A audácia de um tímido* e outras obras que marcaram fundamentalmente na nossa vida intelectual e que um inexplicável silêncio fizera quase esquecer do grande público.

Este prosador de sólida cultura, de vibração invulgar, de uma audácia extraordinária de temas, acaba de nos dar, em bela edição da «Enciclopédia», o que já é uma garantia de qualidade, o fruto amadurecido, sazonado, *perfeitamente perfeito*, digamos assim, do seu silêncio, um grande e vasto romance, de uma grandiosidade inusitada, fresco impressionante e emotivo sob o enigmático e original título de «O cavaleiro, o monge e o outro...». Desde as primeiras páginas da sua leitura se reconhece que estamos em presença de alguma coisa de novo, de invulgar, de profundamente original, de um pensamento audacioso, com audácias tremendas de efabulação e de concepção, mas vasado em moldes clássicos e porisso mesmo perenas, escrito numa prosa opulenta, de mestre, num português castigado mas que não foge às exigências da moderna literatura, grandioso mas não morto, antes vivo, gritante de um nível poucas vezes atingido por qualquer romancista português depois do incomparável Eça de Queirós. E assim o ano livreiro de 1948 abriu retumbantemente, com uma obra digna de toda a admiração, de todo o elogio, que coloca o seu autor à frente dos primeiros e orgulha os leitores de que assim se escreva em português nos atormentados dias de hoje. Leitura magnífica, leitura do mais alto quilate, é a de «O cavaleiro, o monge e o outro...», o romance culminante de 1948.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista
Raios X - Electroterapia
Rua de Santo António, 32 - 1.º
TELEFONE: Consultório e Residência 368
FARO

Propriedade

Vende-se no sítio da Capelhinha, denominado «Cancela das Almas».
Dirigir carta a Maria Cândida Campos, Rua A Bairro Catariño, n.º 18-1.º-Esq.º (Estefânia)—Lisboa.

PROPRIEDADE

Vende-se uma propriedade denominada «O Parra», no sítio da Sinagoga, freguesia de Santo Estevão e duas courelas no sítio do Almargem, freguesia da Conceição.
Quem pretender dirija-se a Zacarias Bento Fernandes—Almargem—Conceição.

Rádio Reparadora do Sul

Reparamos e afinamos com demora mínima todos os tipos de rádios

SALA DE EXPOSIÇÕES - OFICINA PRÓPRIA

Avenida da República, n.º 49-51-53

OLHÃO

Para quebrar a monotonia das noites inverniais não há nada melhor do que um bom receptor de

T. S. F.

DIVERTE E INSTRUI

Os mais modernos e afamados receptores de rádio encontrarão V. Ex.ª, para corrente ou baterias.

Vendas a pronto ou a prestações desde Esc. 25\$00 por semana.

GRAFONOLAS

DISCOS-As últimas novidades-FADOS-GUITARRADAS-MÚSICAS DE DANÇA

AERODINAMOS

O fornecedor económico da luz eléctrica nos campos

A PREÇOS MÓDICOS

Agência F. P. R.—Rua Dr. Parreira, 13—TAVIRA

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de Farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECANICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13 APARTADO 13

Anunciai no «Povo Algarvio»

VENDA A PRESTAÇÕES

— DE —

RELOGIOS E JOIAS

— NA —

Ourivesaria J. V. Mansinho

Deliciosos vinhos do Porto

Excelentes Espumantes

e Licôres

Admiráveis Aguas Minerais do

Vimeiro, da Bela Vista e Luso

Água de Monchique

a Esc. 3\$50 cada garrafão

A venda no

Café Arcada

TAVIRA